

Formação em Neurolinguística no IEL: dissertações e teses a partir de “Diário de Narciso”¹

(Neurolinguistic education at the IEL:
theses and dissertations according to “Narcisuss Diary”)

Mara Lúcia Fabricio de ANDRADE*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

RESUMO

A universidade se configura pela existência de um tripé que se institui com a *extensão* de serviços à comunidade, com a *formação* de profissionais/pesquisadores (graduação e pós-graduação) e com a *pesquisa*. Nosso objetivo é trabalhar com a perspectiva do projeto *História das Idéias Linguísticas*, pensando na constituição do saber em Neurolinguística. A questão que formulamos é: como se configura a formação acadêmica (Mestrado e Doutorado) em Neurolinguística no IEL? O enfoque na formação acadêmica se justifica pelo fato de que a pós-graduação

¹ Este trabalho foi desenvolvido como parte dos requisitos do Doutorado em Linguística/IEL-Unicamp (exame de qualificação de área), contando com a orientação de Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi-Rodrigues, e com a leitura das Profas. Dras. Cláudia Castellanos Pfeiffer e Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo.

* Sobre a autora, ver página 66.

constitui-se em uma evidência da institucionalização. O CCA (extensão) e o BDN (exemplo de pesquisa), presentes, direta ou indiretamente, nas dissertações e teses contribuem para tornar esses trabalhos (exemplos de formação) parte de um corpo único, reflexo da institucionalização da Neurolinguística no IEL, que, com esse trabalho de formação, tende a possíveis expansões para outras instituições.

PALAVRAS-CHAVE

Neurolinguística. Formação acadêmica. Banco de dados.

ABSTRACT

The University is formed by the existence of a tripod that is established by the extended services to the community, by the education of professionals/researchers (graduation and post graduation) and by research. Our aim is to work with the perspective of the project "History of Linguistic Ideas", focusing on the constitution of knowledge in Neurolinguistics. The following question was formulated: How is the Neurolinguistics academic education (Masters and Doctorate) at the IEL? The focus on the academic education is justified by the fact that the post graduation consists itself of an evidence of the institutionalization. The CCA (extension) and the BDN (research model), directly or indirectly present in the dissertations and theses contribute to convert these works (academic education) into part of a single body, a result of the institutionalization of the Neurolinguistics at the IEL, which, with this graduation work, tends to spread to other institutions.

KEYWORDS

Neurolinguistics. Academic education. Database.

Introdução

Eu diria que ciência e instituição se cruzam num percurso de duas mãos (LAGAZZI-RODRIGUES, 2002, p. 15).

A universidade se configura pela existência de um tripé que se institui com a *extensão* de serviços à comunidade, com a *formação* de profissionais/pesquisadores (graduação e pós-graduação) e com a *pesquisa*.

O *Centro de Convivência de Afásicos* (CCA) e o *Centro de Convivência de Linguagens* (CCL) - mais conhecido como *CCAzinho* -, ligados à área

de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp), se caracterizam como um serviço de extensão à comunidade e fonte de dados para os pesquisadores que aí atuam. O conjunto de dados provenientes do CCA e do CCAzinho formam o *Banco de Dados em Neurolinguística* (BDN), que é disponibilizado à comunidade acadêmica para fins de pesquisa científica.

A partir desse contexto, a questão que formulamos é: Como se configura a formação acadêmica (Mestrado e Doutorado) em Neurolinguística no IEL, a partir da institucionalização dessa área? Mais especificamente: Quais as inter-relações desses trabalhos com o CCA e o BDN? Como a constituição do CCA e do BDN aparece no discurso de dissertações e teses defendidas?

Nesse sentido, o objetivo é trabalhar com a perspectiva do projeto História das Idéias Linguísticas, pensando na constituição do saber em Neurolinguística (ORLANDI, 2001; GUIMARÃES; E ORLANDI, 2002). Num contexto amplo, situamo-nos em um período que se abre a partir dos anos 60, momento em que a disciplina Linguística é introduzida no currículo dos cursos de Letras e que marca o aparecimento dos cursos de pós-graduação em Linguística (GUIMARÃES; ORLANDI, 2002, p. 7).

O enfoque na formação acadêmica se justifica pelo fato de que a pós-graduação constitui-se em uma evidência da institucionalização, no caso a institucionalização da Neurolinguística no IEL. Além disso, as dissertações e teses envolvem vários autores, por meio dos quais o conhecimento em Neurolinguística institucionalizado no IEL tende a se expandir para novas fronteiras e instituições.

“Diário de Narciso” e a Neurolinguística no IEL.

“Diário de Narciso: Discurso e afasia” é a tese de Doutorado defendida por Maria Irma Hadler Coudry, em 1986, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp). Nessa obra, a autora analisa os casos dos sujeitos N, P, e L, apresentando-os como sujeitos que, embora afásicos, exercem sua subjetividade na linguagem. Nessa mesma obra, a autora assim define afasia:

A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 1986, 1988, p. 5).

Coudry (2002, p. 101) situa o estudo discursivo da afasia realizado em sua tese de doutorado, orientada por Carlos Franchi e co-orientada por Haqira Osakabe, como “ponto de partida” dos estudos em Neurolinguística no IEL.

Em “Diário de Narciso: Discurso e afasia”, a autora vai propor a abordagem discursiva e se contrapor às problemáticas baterias de testes de avaliação dos sujeitos cérebro-lesados. Coudry (1986, 1988) salienta, por exemplo, que “o fato de um sintoma ou conjunto de sintomas permitirem eventualmente uma classificação correta não assegura a via explicativa do fenômeno descrito” (p. 09), ou ainda – e o que é primordial do ponto de vista da linguagem – que “nas situações de teste, o examinador cria uma situação não usual para o exercício da linguagem” (p. 10). Com isso, Coudry questiona a validade de uma avaliação de linguagem feita com base em tarefas descontextualizadas, metalinguísticas e que considera como “erro” qualquer recurso alternativo que o sujeito utilize frente a sua dificuldade.

Essas idéias não germinam ao acaso (COUDRY, 2002, p. 100), elas começam a se configurar por ocasião de seu mestrado “Considerações iniciais sobre sistemas neurais e linguagem” (COUDRY, 1978), orientado por Armando Freitas da Rocha, docente do Instituto de Biologia (IB/UNICAMP); e, mais tarde, em 1982, por ocasião de um estágio que realizou, em Neurolinguística, na Universidade Livre de Bruxelas, no qual constavam atividades teórico-clínicas orientadas pelo Professor Lebrun. Por esta época, segundo depoimento próprio, a autora diz: “aprendi que

a Linguística que se dedica ao estudo da linguagem em funcionamento estava ausente de uma Neurolinguística que se origina na área médica” (COUDRY, 2002, p. 100).

Diário de Narciso nasce, portanto, em um contexto em que o departamento de Linguística do IEL procura investir em novos caminhos nos estudos da linguagem.

A partir de *Diário de Narciso*, a Neurolinguística toma corpo no IEL. Desde 1983, como disciplina na graduação; em 1987 a Neurolinguística passa a fazer parte, como área de concentração, do programa de pós-graduação em Linguística (FREITAS, 1997, p. 5). As atividades de pesquisa passam, então, a girar em torno do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). O CCA nasce, em 1989, de um convênio entre o Departamento de Linguística (DL/IEL) e o Departamento de Neurologia (DN/FCM). Em 1998 foi inaugurada a sede própria do CCA, no IEL. A proposta do CCA é a de acompanhamento em grupo de pessoas afásicas em convivência com pessoas não afásicas em diversas situações e práticas discursivas (COUDRY, 2002, p. 104).

Atualmente, o CCA funciona com três grupos de trabalho, cada um deles coordenado por cada uma das docentes da área de Neurolinguística do IEL/Unicamp. A professora Rosana do Carmo Novaes Pinto coordena o grupo III, a própria professora Maria Irma Hardley Coudry coordena o grupo II, e a professora Edwiges Maria Morato coordena o grupo I.

Desde o início das atividades do CCA, as sessões são gravadas em áudio; e a partir de 1996, gravadas em vídeo. Há, também, o registro dos principais acontecimentos das sessões em um caderno, por um pesquisador do grupo. O caderno serve como fonte para um primeiro contato dos pesquisadores com os dados. No Banco de Dados em Neurolinguística (BDN), são reunidos e sistematizados todo esse material. As transcrições são feitas, atualmente, conforme normas do BDN, em tabelas que dão visibilidade às condições de produção dos enunciados verbais e não-verbais.

Desde 2004, há também o Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho). O CCAzinho é formado por pesquisadores e por sujeitos (crianças e jovens com ou sem lesão cerebral) que apresentam dificuldades na aquisição e uso da linguagem oral e escrita. As sessões do CCAzinho, tal como as do CCA, também são registradas e integram o BDN.

Dissertações e teses a partir “Diário de Narciso”.

Buscando responder às questões formuladas no início deste trabalho, resgatamos, inicialmente, os resumos de dissertações e teses - orientadas (ou co-orientadas) pela autora de “Diário de Narciso” - na página da biblioteca virtual do IEL (<http://www.iel.unicamp.br/portal/biblioteca/teses/index.html>).

Em contato inicial com os dados, após leitura e análise dos resumos das dissertações e teses, identificamos a natureza dos trabalhos se bifurcando em duas temáticas principais: sujeitos cérebro-lesados e sujeitos com dificuldades de aprendizagem, conforme relacionado na seqüência.

Bloco A SUJEITOS CÉREBRO-LESADOS	Bloco B SUJEITOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
Morato (1991); Pinto (1992); Gandolfo (1994); Morato (1995); Gregolin Guindaste (1996); Noguchi (1997); Freitas (1997); Felizatti (1998); Pereira (1998); Freire (1999); Novaes-Pinto (1999); Marmora (2000); Fedosse (2000); Balieiro Júnior (2001); Carvalho (2001); Rapp (2003); Santos (2003); Ishara (2004); Scisci (2004); Marmora (2005); Iliovitz (2005); Freire (2005); Pereira (2006); Bordin (2006)	Leal (1991); Keiralla (1994); Bernardes (1995); Padilha (2000); Caron (2000); Vargas (2003). Caron (2004); Vallim (2006)

Quadro 1: Temáticas principais das dissertações e teses desenvolvidas a partir de “O Diário de Narciso”

As teses e dissertações que tratam dos sujeitos com dificuldades de aprendizagem, assim como as publicações de Coudry (1987), Coudry e Scarpa (1991), Coudry e Mayrink-Sabinson (2003), Coudry e Freire

(2005), dão visibilidade, desde anos atrás, à preocupação com a questão da “produção da doença” por meio de diagnósticos escolares (COUDRY, 1997, p. 16). Essas pesquisas se refletiram na constituição do CCAzinho e nas atividades e pesquisas desenvolvidas em seu âmbito. O CCAzinho é um ambiente de pesquisa de novas dissertações e teses com essa temática, assim como foi e continua a ser o CCA em dissertações e teses que tratam do sujeito cérebro-lesado.

Vejam, agora, como se deu esse processo de inter-relações das dissertações e teses com o CCA e o BDN, analisando as dissertações e teses do primeiro bloco (bloco A), até o ano de 2000.

CCA

O CCA é citado em quase todas as teses analisadas. Pela análise feita, pudemos notar que as citações do CCA refletem três diferentes momentos: a constituição do CCA; o CCA já constituído, mas relacionado ao DN/FCM; o CCA relacionado com o IEL.

Vejam mais detalhadamente cada um desses momentos.

No **primeiro momento**, há duas dissertações de mestrado que se desenvolvem paralelamente aos anos iniciais da constituição do CCA.

Morato (1991, p. 8-11) procura redimensionar a noção de “função reguladora da linguagem”, conforme Vygotsky, no contexto da Análise do discurso. Há, em seu trabalho, um movimento teórico que visa a analisar as idéias de Vygotsky sobre a função reguladora em termos não de “funções”, mas de funcionamento da linguagem. Seu trabalho trata, portanto, do núcleo comum de questões teóricas e, nele, só aparecem alguns dados em epígrafe, indiciando um germe do CCA.

Novaes-Pinto (1992) busca realizar uma reflexão a respeito de questões que relacionam os estudos linguísticos aos estudos patológicos de linguagem, tendo em vista o fenômeno do agramatismo (p. 7). Seu trabalho toca em uma das questões centrais levantadas em *Diário de Narciso*: a limitação que os testes apresentam para a avaliação de um sujeito afásico; nesse sentido, os dados que discute em seu trabalho são os resultados da

aplicação de um teste. Uma primeira citação do CCA, contudo, aparece em seu trabalho, na medida em que o situa em um projeto maior:

(..) É neste sentido que este trabalho insere-se no projeto maior da área de Neurolinguística da Unicamp. Dentre os trabalhos já realizados na área, podemos destacar: (...) a organização do Centro de Convivência de Afásicos, ligado à UNNE, que funciona no IEL, espaço de extrema importância para a interação dos pacientes e pesquisadores (Novaes-Pinto, 1992, p. iv, grifo nosso)

Notemos como essa primeira citação de Novaes-Pinto (1992) bem retrata o momento da constituição do CCA ao se referir em termos de sua “*organização*”. Notemos, também, como a ligação do CCA com a UNNE é mencionada claramente: “*a organização do Centro de Convivência de Afásicos, ligado à UNNE...*”. A UNNE é a Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, unidade à qual o CCA é vinculado. A estreita relação do CCA com o IEL, neste momento, é mencionada por Novaes-Pinto (1992) indiretamente: “*que funciona no IEL*”.

Morato (1991) e Novaes-Pinto (1992) não relatam explicitamente a constituição do CCA, apenas deixam indícios de sua constituição.

O **segundo momento** se configura com a tese de Morato (1995) e a dissertação de Gandolfo (1994), um momento no qual o CCA já está constituído e os sujeitos que são os casos em estudo nesses trabalhos frequentam a unidade. Nesse momento, o atendimento já acontece em grupo, nas sessões semanais do CCA, e individual, acompanhado em sessões individuais pelas investigadoras. Mas é um momento no qual o vínculo existente entre o CCA e a UNNE ainda é sobressalente.

Morato (1995), ao discutir a confabulação, estuda os casos de MP e ET, ambos frequentadores do CCA:

(..) apresentaremos alguns dados linguísticos de dois sujeitos cérebro-lesados que acompanhamos na Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística e no Centro de Convivência

de Afásicos do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (MORATO, 1995, p. 94, grifo nosso).

Podemos notar a consolidação da constituição do CCA pela indicação feita por Morato (1995) de que o estudo será feito com dados de dois sujeitos que frequentam o CCA: "...apresentaremos alguns dados linguísticos de dois sujeitos cérebro-lesados que acompanhamos (...) no Centro de Convivência de Afásicos..."

Observemos como Morato (1995) faz referência a UNNE e menciona o CCA, ressaltando seu vínculo com a FCM, ficando implícita a relação do CCA com o IEL.

Vejamos agora a dissertação de Gandolfo (1994, p. 64). Um dos objetivos da autora é analisar os dados relativos à aplicação de uma versão protocolar, discursivamente orientada, na avaliação e intervenção terapêutica propostas para R. R quando fora encaminhada e passara a frequentar o CCA, na ocasião de sua dissertação:

R foi encaminhado a Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística da Unicamp em março de 91. A avaliação Neurolinguística, feita pela Profa. Dra. Maria Irma Coudry, revelou, inicialmente, dificuldades com o uso da linguagem em situações discursivas. R usava o mesmo registro altamente formal, para com todos os seus interlocutores, sem a menor concessão. Por essa razão, ele foi encaminhado ao Centro de Convivência de Afásicos (CCA), cujos participantes - de diferentes origens sociais (...) - mostravam dificuldades de entender o que ele dizia. (...) As sessões no CCA permitem que ele seja exposto a situações em que deve adequar-se ao uso diferenciado de linguagem, como requerem as várias situações discursivas que o grupo experiencia (Gandolfo, 1994, p. 34, grifo nosso).

Em Galdanfo (1994), podemos notar a consolidação da constituição do CCA, na medida em que R, seu sujeito de estudo, é encaminhado para lá. Podemos perceber também que já aí começa a surgir um efeito de naturalização, o que notamos pelo modo de Gandolfo (1994) tratar e

mencionar o CCA: “Por essa razão, ele foi encaminhado ao Centro de Convivência de Afásicos (CCA), cujos participantes – de diferentes origens sociais (...) – mostravam dificuldades de entender o que ele dizia.”

Mas é importante notar que também Gandolfo (1994) apenas menciona o encaminhamento para a UNNE, também ficando implícita a relação do CCA com o IEL.

Por esse motivo é que optamos por considerar esse segundo momento, um momento de formação de “identidade”, ou seja, trata-se de um momento em que um processo de naturalização do CCA em relação ao IEL já começa a ser visível.

Num **terceiro momento**, há praticamente uma troca, já quase não se menciona a contraparte do DN/FCM (ou UNNE) e a menção ao IEL se torna preponderante; se produz, assim, um efeito de naturalização, o que podemos notar, por exemplo, nos trechos que seguem:

Em 1993 não foram gravadas entrevistas individuais de P. Os dados de 1995 são mencionados no capítulo III, mas não foram incluídos na quantificação das tabelas. Estas e outras fitas encontram-se à disposição no Centro de Convivência de Afásicos - IEL - Unicamp, e os dados serão arquivados no CEDAE2-Unicamp (Gregolin-Guindaste, 1996, p. 94, grifo nosso).

A metodologia empregada para a coleta de dados incluiu a realização de gravações da produção verbal dos quatro sujeitos (EF/PZ/CF e EV), que participam do Centro de Convivência de Afásicos - CCA, que funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp. O procedimento metodológico de listas de palavras por repetição (...) (Freitas, 1997, p. 9, grifo nosso).

A partir da avaliação procedida, fiz o encaminhamento de LC para o Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/FCM/UNICAMP), a fim de mantê-lo em contato com outros sujeitos (afásicos ou não), em diversas situações discursivas e de uso sócio-cultural da linguagem, objetivos centrais do CCA (Felizatti, 1998, p. 42, grifo nosso).

A discussão preliminar desenvolvida nesta pesquisa sobre a relevância tópica procurou, pois, por meio desse fenômeno da

² CEDAE - Centro de Documentação Alexandre Eulálio.

linguagem, explicitar alguns recursos aos quais sujeitos cérebro-lesados recorrem nas diversas práticas discursivas realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) (Pereira, 1998, p. 12, grifo nosso).

Gregolin-Guindaste (1996) menciona o CCA e sua relação com o IEL em nota de rodapé, ao falar dos dados: “estas e outras fitas encontram-se à disposição no Centro de Convivência de Afásicos - IEL - Unicamp”.

Freitas (1997) acentua que o CCA se situa no IEL: “que funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp”.

Felizatti (1998) por sua vez não esquece a parceria na citação: “Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/FCM/UNICAMP)”.

E, Pereira (1998) menciona o CCA de forma mais natural ainda, como se já fosse conhecido de todos, sem falar onde se insere o CCA: “explicitar alguns recursos aos quais sujeitos cérebro-lesados recorrem nas diversas práticas discursivas realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA)”.

Embora o vínculo com o DN/FCM permaneça e pacientes sejam por lá encaminhados ao CCA, o processo de naturalização que ocorre se dá, principalmente, na medida em que – como vimos acima – o CCA passa a ser diretamente relacionado com o IEL, consolidando-se aí sua identidade com esse instituto.

Mas o que faz com que o CCA estabeleça uma identidade com o IEL? Podemos considerar, dentre outros, por exemplo, dois aspectos:

a) a pesquisa e os sujeitos participantes do CCA

Desde a institucionalização da Neurolinguística, essa já mantém uma “identidade” com o IEL, uma vez que privilegia as práticas discursivas, um princípio diferente das práticas avaliativas e experimentais comumente utilizadas com os sujeitos cérebro-lesados. O CCA, situado nas dependências do IEL, é o lugar onde essas práticas acontecem. Na medida em que, nas dissertações e teses, os sujeitos das pesquisas são cérebro-

lesados participantes do CCA (Quadro 2), isso se reflete no processo de naturalização aqui discutido.

DISSERTAÇÃO/TESE	SUJEITOS	INDICAÇÕES NOS TRECHOS CITADOS
Gandolfo (1994)	R	“... R foi encaminhado a...”
Morato (1995)	MP e ET	“...apresentaremos alguns dados linguísticos de dois sujeitos cérebro-lesados que acompanhamos... ”
Gregolin-Guindaste (1996)	P	“Em 1993 não foram gravadas entrevistas individuais de P .”
Freitas (1997)	EF/PZ/CF e EV	“...incluiu a realização de gravações da produção verbal dos quatro sujeitos (...), que participam do...”
Felizatti (1998)	LC	“...fiz o encaminhamento de LC para o...”
Pereira (1998)	GC, RR	“...explicitar alguns recursos aos quais sujeitos cérebro-lesados recorrem nas diversas práticas discursivas realizadas no... ” “Neste capítulo serão apresentados trechos de sessões em que são vivenciadas as seguintes práticas discursivas e situações comunicativas: entrevista (no caso de GC , em anexo, e de RR)...”
Freire (1999)	AF	---
Novaes-Pinto (1999)	EF, JB, AGR SP E CF	---
Fedosse (2000)	CF e outros	“Os dados analisados nesta Dissertação foram recortados de sessões do CCA... ” “Quando a transcrição dos enunciados do sujeito CF não for fonética...”
Mármora (2000)	EF, CF, JB, SI, AG, CS, SP, LZ, IP, CL	“Os dados relativos a esta pesquisa (Anexo 2) são de sujeitos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) ...”

Quadro 2: Sujeitos pesquisados que participam do CCA.

b) o dado tomado metodologicamente como “dado-achado”

Tendo em vista os princípios teóricos-metodológicos das dissertações e teses, o dado é tomado como *dado-achado*. O dado-achado não está presente em práticas avaliativas e experimentais comumente utilizadas nas pesquisas com sujeitos cérebro-lesados; o dado-achado é fruto das práticas discursivas e, conseqüentemente, das pesquisas em

Neurolinguística desenvolvidas no IEL.

Para falar do estatuto do dado em Neurolinguística, Coudry (1996) nos apresenta três modos de construção dos dados: dado-evidência, dado-exemplo e dado-achado.

No *dado-evidência* o que se observa é o objetivo do pesquisador em medir o comportamento linguístico e quantificá-lo. Na Neurolinguística isso se traduziu no desenvolvimento de baterias de testes usadas na avaliação linguístico-cognitiva de pacientes cérebro-lesados; resultando, por exemplo, em dados estatísticos e grupos-controle (COUDRY, 1996, p. 179-180).

No *dado-exemplo* o que se observa é que o dado serve para ilustrar uma hipótese que o pesquisador já tem; uma forma de ilustração que serve à confirmação de teorias (COUDRY, 1996, p. 182).

Sobre o *dado-achado*, Coudry (1996, p. 183) diz que “é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico dos processos linguísticos-cognitivos”.

Semelhante ao dado-achado é o dado *singular* tal como é tratado por Ginzburg (1986), um historiador italiano. Ginzburg vai explicitar os princípios metodológicos que garantem rigor às investigações de cunho qualitativo: chamado por ele de paradigma indiciário. A trajetória histórica proposta por Ginzburg e a teorização do paradigma nascem da analogia entre os métodos de investigação de Morelli, Holmes e Freud. O dado-achado tem algo em comum com o dado singular, como bem dizem Coudry e Freire (2007):

Tal como ocorre com a análise do dado-achado, a interpretação do dado singular ajuda a entender o fato linguístico-cognitivo que se apresenta de maneira indeterminada, a fim de que seja revelado o que não se vê à primeira vista. Nos dois casos é crucial estabelecer critérios - os denominados procedimentos heurísticos na ND - que orientam a identificação e a seleção dos dados, tomados, então, como representativos do que se considera “singularidade reveladora” (tal como se denomina no paradigma indiciário) ou dado-achado, e que provoca o movimento da teoria em busca de explicação. Pelo que se expôs, compartilhamos do paradigma indiciário, como em Ginzburg, o conceito de “rigor metodológico”,

interpretado de forma flexível, uma vez que entram em jogo outros fatores, como a intuição do investigador na observação do particular, sua capacidade de formular hipóteses explicativas pertinentes e instigadoras para aspectos opacos da realidade que não são diretamente apreendidos, mas que podem ser descobertos através dos achados ou dos indícios. (COUDRY; FREIRE, 2007).

Nesse sentido, as sessões com os sujeitos cérebro-lesados frequentadores do CCA são discursivamente orientadas, favorecendo situações voltadas para o funcionamento da linguagem. Os dados são, pois, frutos de diálogos e não de uma bateria de testes avaliativos ou experimentais, o que desperta uma especial atenção e cuidado no tratamento dos dados e se reflete na constituição do BDN.

BDN

Pela análise feita, em relação ao BDN, pudemos notar dois diferentes momentos expressos pelas dissertações e teses analisadas: um primeiro momento em que se começa a falar sobre gravações e organização dos dados; e um segundo momento em que a formalização do BDN já é bem próxima da atual. Vale notar que a forma atual do BDN não é necessariamente definitiva, ela apenas atingiu uma fase estável que expressa o movimento dado/teoria de que é fruto. Vejamos mais detalhadamente cada um desses momentos.

Começemos o **primeiro momento** com a tese de Gregolin-Guindaste (1996) - um acompanhamento longitudinal do caso de P tendo em vista o agramatismo - que é a primeira a mencionar o que viria a ser posteriormente denominado de BDN:

Os dados de 1984 a 1987 foram observados através de gravações de entrevistas e a partir de 1989 foram também planejados os testes a partir dos problemas sintáticos exibidos. (...) As entrevistas resultantes destes diálogos paciente-investigador, obtidas de 1984 a 1994, foram gravadas e degavadas (Gregolin-Guindaste, 1996, p. 94, grifo nosso).

E em nota referente ao trecho “entrevistas gravadas”, na citação anterior, a autora diz:

Estas e outras fitas encontram-se à disposição no Centro de

Convivência de Afásicos - IEL - Unicamp, e os dados serão arquivados no CEDAE-Unicamp (Gregolin-Guindaste, 1996, p. 94, grifo nosso).

Observemos como Gregolin-Guindaste (1996) menciona as “gravações” realizadas, a disponibilização das “fitas”, e o futuro “arquivamento” do material no CEDAE.

Nesse mesmo período, há a dissertação de Noguchi (1997), co-orientada por Coudry, que tratar da Doença de Alzheimer. Há, também, a tese de Freitas (1997) e a dissertação de Felizatti (1998) que tratam de aspectos fonético-fonológicos.

Noguchi (1997) investiga a natureza do comprometimento semântico presente na DA e a possível relação existente entre as múltiplas alterações cognitivas na DA especialmente, entre linguagem e percepção visual. Noguchi parte de um referencial teórico baseado em Vygotsky, articulado com uma abordagem discursiva da linguagem que privilegia os processos de construção da significação em uma situação efetiva de interlocução, ou seja, parte do núcleo teórico comum à Neurolinguística. Nesse caso, lembramos que o CCA não abriga em seu grupo casos de Doença de Alzheimer, embora, atualmente, alguns casos sejam atendidos individualmente pelas investigadoras.

Freitas (1997) tem por objetivo avaliar o *status* da apraxia frente às questões fono-articulatórias evidenciadas em casos de afasia, coletando os dados, também, de maneira singular e estudando os sujeitos EF, PZ, CF e EV, todos participantes do CCA:

A metodologia empregada para a coleta de dados incluiu a realização de gravações da produção verbal dos quatro sujeitos (EF/PZ/CF e EV), que participam do Centro de Convivência de Afásicos - CCA, que funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem - EIL, Unicamp. O procedimento metodológico de listas de palavras por repetição foi empregado por ser o modo mais eficiente de recuperar a produção oral de EF e CF. Embora o sujeito PZ não necessitasse desse tipo de procedimento (...) A exceção ficou por conta do sujeito EV, cujos dados foram coletados através de sua produção

espontânea, pois o procedimento de repetição não foi possível com este sujeito (Freitas, 1997, p. 9, grifo nosso)

Felizatti (1998) estuda o caso de LC, um caso de disartria, cuja etiologia é de natureza traumática. Na tese de Felizatti é interessante notar um dos primeiros usos de dados oriundos da sessão em grupo, em forma de relato. Vejamos, na sequência, um exemplo:

Em relação ao CCA (grupo 1) gostaria de relatar um dado de LC, de março de 1997, quando o ator José Amâncio Rodrigues Pereira deu início à atividade de expressão teatral junto a esse grupo.

José Amâncio, representando um poeta que procura um lugar, no IEL, onde estaria ocorrendo um encontro de poetas, entrou na sala do CCA (grupo 1). Por causar ao grupo uma certa estranheza (estava maquiado, vestido de poeta), uma das pacientes, CF, perguntou-lhe quem era. O poeta, identificou-se e explicou o que procurava. Disse uma poesia de Guilherme de Almeida e perguntou imaginando estar no local adequado, aos integrantes do grupo, se não eram também poetas; ao que LC respondeu, comentando, apropriadamente, a identidade de seu grupo: Nós somos apenas afásicos (FELIZATTI, 1998, p. 70 – *grifo nosso*).

Nesse caso, o dado se refere a uma das atividades em grupo que é a atividade teatral.

Pereira (1998) dedica-se a “explicitar alguns dos aspectos enunciativos e semântico-pragmáticos que constituem o processo comunicacional normal e que caracterizam a afasia de Wernicke e a síndrome frontal”. Na dissertação de Pereira, é interessante notar, também, um dos primeiros usos de dados oriundos da sessão em grupo:

Neste capítulo serão apresentados trechos de sessões em que são vivenciadas as seguintes práticas discursivas e situações comunicativas: entrevista (no caso de GC, em anexo, e de RR), atividade teatral, relato desencadeado por uma pergunta durante a entrevista, contagem e recontagem de piada e atividade metalinguística (em que se elenca o nome de objetos relacionados a papelaria). Todas essas atividades orais foram feitas em grupo, durante as sessões do CCA (Pereira, 1998, p. 56, grifo nosso).

Se por um lado Felizatti (1998) nos passa a impressão de estar relatando a situação a partir do que presenciou na sessão, por outro Pereira (1998) nos passa a impressão, ao dizer “serão apresentados trechos de sessões”, de que já trabalha com gravações das sessões em fita.

Notamos que Pereira (1998) já apresenta os dados transcritos com comentários do investigador entre barras. Isso não acontece nos trabalhos de Gandolfo (1994) e Morato (1995), que apresentam os dados sem comentários que ilustrem a cena enunciativa. Observemos a diferença:

a) dado transcrito em Gandolfo (1994, p. 80):

INV.: Isto daqui é uma notícia sobre economia?

R.: que no jornal, de um telejornal noturno. É um resumo do que eu achei importante para mim guardar, tudo que falava, é isso aí que eu achei importante.

INV.: tá, mas quando a pessoa, que estava falando

R.: Lilian Witte Fibe

INV.: então, ela dizia como se fossem manchetes?

R.: Não, ela até, or isso que ela treinado a isso falou uma coisa a mais

b) dado transcrito em Pereira (1998, p. 62):

1. Ijt. Agora nós vamos fazer o seguinte, vamos trabalhar com o movimento expressivo, ou seja, eu vou começar, a mesma coisa, faço eu, depois OP, depois GC, um por vez, mas tem que ser o movimento expressivo, então, eu vou fazer um e o senhor // voltando-se para OP// vai fazer igual, tá?

//coloca a mão na cintura e diz em tom alto, forte como se estivesse bravo ou nervoso//

2. Ijt. como é que vai o senhor?//sinaliza para OP, querendo saber se há dúvidas para a realização da atividade// tá bom? Agora faz para ele// apontando para GC//, mesma coisa.

//OP olha e coloca as mãos na cintura//

3. OP. tudo bom?

//GC fica olhando, imita o mesmo gesto e responde para OP, o restante do grupo ri//

4. GC. tudo bem obrigado //ri, continua com as mãos na cintura e não diz nada para o sujeito JB que está a seu lado e com quem deveria continuar a atividade. O sujeito JB volta-se para o próximo interlocutor, SP, e a atividade segue.

Quadro 3: Transcrição de dado feita em 1998

Neste primeiro momento, há ainda Novaes-Pinto (1999) e Freire (1999).

Novaes-Pinto (1999) parte do princípio de que alguns fenômenos afasiológicos são tradicionalmente conhecidos na literatura neuropsicológica e Neurolinguística como categorias clínicas - tal como o agramatismo e a jargonafasia. Tomando como ponto de partida os estudos a respeito do agramatismo e as principais questões teóricas e metodológicas que eles suscitam, Novaes-Pinto discute a questão da variação na co-ocorrência de sintomas, que tem levado alguns pesquisadores a descartar o estudo das chamadas “categorias clínicas”. No próprio resumo, a autora já cita o CCA e o uso dos dados:

Contraponho esses resultados aos dados obtidos em situações de uso efetivo da linguagem, em sessões realizadas no CCA, enfatizando que o estudo discursivo dos enunciados dos sujeitos afásicos permite compreender melhor a organização e o funcionamento da linguagem, bem como a relação do normal com o patológico [s.p] (grifo nosso).

Freire (1999) tem por objetivo principal mostrar a pertinência do uso da linguagem de programação Logo Gráfico como protocolo de avaliação e seguimento de sujeitos com dificuldades linguístico-cognitivas, tomando como referencial teórico uma concepção discursiva de linguagem. Freire (1999) faz coleta de dados em acompanhamento individual, transcreve os dados e menciona o CCA, do qual AF, o caso em estudo, faz parte.

Em um **segundo momento**, as transcrições são formalizadas de uma maneira bem próxima ao que se usa nas transcrições e *decoupages* que integram o BDN no momento atual³.

Fedosse (2000) realiza um estudo de caso em que analisa dados linguístico-práticos extraídos do acompanhamento longitudinal de CF, participante há anos do CCA:

Os dados analisados nesta Dissertação foram recortados de sessões do CCA, no período de março de 1991 a agosto de 1997 e das sessões de acompanhamento fonoaudiológico, realizado por mim, de agosto de 1994 a agosto de 1997. (...) (FEDOSSE, 2000, p. 12).

3 Ver Campetela (2002) e Silva e Deffanti (2004).

Antes de iniciar o texto, a autora traz o item “Notas de transcrição” no qual expõe algumas normas do BDN para a transcrição de dados, que estavam sendo estudadas, no momento, em projeto coordenado por Coudry:

As notações usadas nesta Dissertação seguem as normas de transcrição do Projeto Integrado de Pesquisa: ‘Contribuições da Pesquisa Neurolinguística para a Avaliação do Discurso Verbal e Mental’ (...). São critérios do sistema de codificação, propostos e utilizados pelo Banco de Dados Neurolinguísticos (BDN), que se encontra em andamento, podendo, pois, ocorrerem modificações nesse sistema de codificação que, pela natureza dos dados, tem sido (re)elaborado ao longo do projeto. (...) Quando a transcrição dos enunciados do sujeito CF não for fonética, recorre-se às normas propostas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Com relação à marcação prosódica de tais enunciados, seguem-se as normas de pontuação do português escrito (Fedosse, 2000, p. 11, grifo nosso).

Vale a pena observar que, nesse momento, já ocorre a menção da sigla BDN.

Notemos que a apresentação dos dados agora é em tabelas, para dar maior visibilidade aos dados, diferentemente da apresentação de Gandolfo (1994) e Pereira (1998), vistos anteriormente. Vejamos, como exemplo, parte de um dado presente na dissertação de Fedosse (2000):

DADO 10 – (28/11/94)

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
Imc	Ô, CF	
Imc	Que tempo está fazendo hoje?	
CF	Àhn...	
Imc	Que tempo está fazendo hoje?	
CF	É...	
CF	chuva.	
CF	ai...ai...	
Imc	Legal, CF..	

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
Imc	CHUva	
CF	[esawesaw]	Transcrição fonética Tom afirmativo Tom surpresa
Imc	Então ESTÁ chovendo...	
Imc	Choveu ontem em Piracicaba?	
CF	Cho...é...	
Imc	ChoVEU?	
Imc	ONtem em PiraciCAba?	
CF	Choveu.	Risos
Imc	Choveu o dia todo?	
CF	É, não!	
Imc	ChoVEU o dia todo?	
CF	Cho-veu.	
Imc	E sábado	
	(...)	

Quadro 4: Transcrição de dado feita em 2000

Mármora (2000), por sua vez, faz uma reflexão acerca da relação linguagem/ praxia, discutindo a avaliação de praxias realizadas nos testes neuropsicológicos com sujeitos cérebro-lesados afásicos. A autora argumenta a favor da inserção de princípios teórico-metodológicos neuropsicológicos e neurolinguísticos nos estudos de Fisioterapia, que, segundo a autora, é baseada quase exclusivamente em princípios neurofisiológicos. Mármora trabalha com vários sujeitos que integram o CCA:

Os dados relativos a esta pesquisa (Anexo 2) são de sujeitos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), grupo I, e dizem respeito às atividades de Teatro, conduzidas pelo pesquisador José Amâncio Rodrigues Pereira (Ijt). Foi escolhido o contexto de teatrealização como foco do *corpus* para este estudo, dado o valor que os gestos e as ações não verbais têm para os sujeitos na dinâmica de dramatização e expressividade teatral desenvolvidas no CCA (Mármora, 2000, p. 56, grifo nosso).

No trecho citado, a autora justifica a escolha pela atividade teatral, elegendo tal contexto como *corpus* de seu estudo.

Assim como Fedosse (2000), Mármora (2000) também apresenta seus dados em forma de tabelas, mas em sua tabela já aparece mais uma coluna, a de observações sobre processos de significação não verbais:

DADO 7 – corpus 2

Data do Registro: 29/09/1999

Duração: 30”

Sujeitos: **SL, SP, EF, IP.**

Investigadores: **Ijt**

Atividade: “Bola imaginária”

Dinâmica: O investigador propõe um jogo imaginário com uma bola também imaginária (bola grande, bola de tênis e bexiga).

	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Transcrição do gesto
260	Ijt	Agora vamos imaginar que tem uma bola invisível		
261	Ijt	e nós vamos jogar a bola invisível		Inicia o jogo arremessando a bola imaginária para IP
262	Ijt	Ta dona Isaura		
263	Ijt	Vamos imaginar		
264	Ijt	a bola é redonda		joga a bola para SI
265	Ijt	a bola está coma dona SI		
266	Ijt	Agora nós vamos imaginar		
267	Ijt	Mudou		
268	Ijt	Agora é uma bola de tênis		
269	Ijt	Ela é menor e pula mais		
270	Ijt	Eu vou jogar.		
271	Ijt	Segura seu EF		A bola é jogada para todos os sujeitos
272	Ijt	Segura dona SI		
273	Ijt	Abra a mão		

	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Transcrição do gesto
274	Ijt	Quando joga abre a mão		
275	Ijt	Pa	Imita o barulho da mão	

Quadro 5: Transcrição de dado feita em 2000

A formalização atingida por Mármora (2000) é praticamente a mesma usada nas transcrições e *decoupages* que integram o BDN no momento atual.

Considerações Finais

Com a dissertação e a tese de Coudry (1978, 1986), a Neurolinguística passou a integrar o curso de Letras/Linguística (graduação e pós-graduação) do IEL/Unicamp. Uma vez institucionalizada e como fruto de pesquisas anteriores, um grupo de pesquisadores e alunos foi se formando paralelamente à constituição do CCA. O grupo passou a atuar junto ao CCA e a atender os sujeitos participantes. O CCA, ao atender os sujeitos cérebro-lesados, numa atividade de extensão à comunidade, passou a ser, também, fonte de dados de várias dissertações e teses, na medida em que os sujeitos participantes do CCA passam também a ser sujeitos das pesquisas. A fonte de dados que é o CCA, bastante produtiva, passou a requerer cuidados especiais e os dados passaram a ser sistematizados, o que se reflete nas dissertações e teses. As atividades de pesquisa aqui representadas pelas dissertações e teses fortalecem, assim, a institucionalização da área de Neurolinguística, que no IEL, desenvolve-se com uma identidade própria.

A Neurolinguística desenvolvida no IEL adquire identidade própria na medida em que há, desde o início, com a dissertação e tese de Coudry (1978, 1986), a opção por uma abordagem discursiva. É o que podemos notar, também, por exemplo, em grande parte das dissertações e

teses aqui vistas, tanto as que foram examinadas em mais detalhes, como as que foram apenas citadas, quer tratem elas de sujeitos cérebro-lesados ou de sujeitos com dificuldades de aprendizagem, pois nelas, metodologicamente, o dado é tomado como *dado-achado*. Além da metodologia, as dissertações e teses, apesar da singularidade de cada uma, compartilham também de uma abordagem discursiva, com corpo teórico comum baseado em Franchi (1976), Luria (1970, 1981, 1986) e, como já vimos, Vygotsky (1987, 2000).

Ao longo dos últimos quinze anos, a formação acadêmica (Mestrado e Doutorado) em Neurolinguística tem contribuído para a consolidação e expansão da área, inter-relacionando as atividades do CCA - e recentemente do CCAzinho - (fontes de dados), à sistematização dos dados que integram o BDN e às pesquisas.

Por meio das dissertações e teses, compreendidas entre o período de 1991 a 2000 - ou seja, os quase dez anos iniciais da constituição e institucionalização da Neurolinguística no IEL -, notamos o percurso histórico da consolidação do CCA e o nascimento/formalização do BDN.

Ao apresentarmos a produção após a institucionalização da área em questão, no IEL, procuramos evidenciar, por meio da citação de trechos dos trabalhos, como essa produção se inter-relaciona diretamente com o CCA e o BDN. O CCA, como um grupo que abriga sujeitos-cérebro lesados, e o BDN, como sistematização de dados provenientes do CCA, tornaram-se, portanto, elementos chaves para o desenvolvimento dos vários estudos em Neurolinguística.

Pela análise das dissertações e teses, pudemos notar um processo de naturalização por qual passa o CCA em relação ao IEL: apesar de ser fruto de um convênio, observamos que o CCA passa a ser conhecido, basicamente, pelas relações e “identidade” que estabelece com o IEL.

Podemos notar também, que, à medida que se trabalha com o dado-achado, nasce a necessidade de maior sistematização e visibilidade dos dados, o que resulta no BDN e em seu constante aprimoramento, algo que transparece nas dissertações e teses.

O CCA (extensão) e o BDN (exemplo de pesquisa), presentes,

direta ou indiretamente, nas dissertações e teses contribuem para tornar esses trabalhos (exemplos de formação) parte de um corpo único, reflexo da institucionalização da área de Neurolinguística no IEL, que, com esse trabalho de formação, tende a possíveis expansões para outras instituições.

Tendo em vista o percurso histórico aqui apresentado, não há como não dizer que a história dos sujeitos – os caminhos da orientadora, a história dos sujeitos frequentadores do CCA pesquisados (aqui referidos pelas suas iniciais), a inquietude indagadora dos investigadores em formação – também se cruza com a ciência e com a instituição, contribuindo para a institucionalização do saber, no caso, a Neurolinguística desenvolvida no IEL/Unicamp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALIEIRO JÚNIOR, Ari Pedro. **O sujeito que se estranha**: manifestações de subjetividade na afasia. 2001. 185 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BERNARDES, Ana Cristina de Aguiar. **Consideração sobre os Aspectos Neuropsicológicos da Aprendizagem de Escrita e Leitura e a Prática Pedagógica**. 1995. [s.p]. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BORDIN, Sônia Maria Sellin. **“Fale com ele”**: um estudo neurolinguístico do Autismo. 2006. 129 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CAMPETELA, Cilene. O banco de dados em Neurolinguística na relação dado/teoria. **Estudos Linguísticos**. v. XXXI, 2002. CD.

CARON, Monica Filomena. **As Relações da Escola com a Sociedade nos Processos de Diagnosticar/Avaliar**. 2000. 147 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____, **Os Selos da Exclusão:** efeitos de poder do psicodiagnóstico. 2004. [s.p]. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas da Campinas, 2004.

CARVALHO, Lucilene de. **Zur Auffassung der Aphasien:** A Vigência de Freud para o Estudo Linguístico das Afasias. 2001. 112 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

COUDRY, Maria Irma Hadler. 10 anos de Neurolinguística no IEL. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 32, p. 9-24, 1997.

_____, **Considerações iniciais sobre sistemas neurais e linguagem.** 1978. 118 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1978.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____, **Diário de Narciso:** discurso e afasia. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____, Dislexia: um bem necessário. **Estudos Linguísticos**, n. 14, p. 150-157, 1987.

_____, Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 42, p. 99-130, 2002.

_____, O que é o dado em Neurolinguística? In: CASTRO, Maria Fausta Pereira (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem.** Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 179-194.

_____; FREIRE, Fernanda Maria P. **Neurolinguística discursiva:** teorização e prática clínica. 2007 (no prelo).

_____; _____, **O trabalho do cérebro e da Linguagem:** a vida e a sala de aula. MEC/Cefiel/Unicamp, 2005.

_____, MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. Pobreza e dificuldade. In: ALBANO, Eleonora et al (Orgs.). **Saudades da língua:** a linguística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Campinas: Mercado das Letras, 2003, p. 561-576.

_____; SCARPA, Ester Mirian. De como a avaliação de linguagem

contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit. In: ROJO, Roxane Helena R; CUNHA, Maria Cláudia; GARCIA, Ana Luiza M. (Org.). **Fonoaudiologia e Linguística**. São Paulo: Educ, 1991, p. 83-95.

FEDOSSE, Elenir. **Da Relação Linguagem e Praxia**: estudo neurolinguístico de um caso de afasia. 2000. 153 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FELIZATTI, Patrícia. **Aspectos Fonético-Fonológicos da Disartria Pós-Traumática**: um estudo de caso. 1998. 120 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FRANCHI, Carlos. **Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem**. 1976. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Filosofia, Ciências Sociais e História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Enunciação e Discurso**: a linguagem de Programação Logo no discurso do afásico. 1999. 224 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____, **Agenda Mágica**: linguagem e memória. 2005. 257 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FREITAS, Margareth de Souza. **Alterações Fono-Articulatórias nas Afasias Motoras**: contribuições para uma caracterização linguística da afasia. 1997. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

GANDOLFO, Mônica Cristina. **Síndrome Frontal (leve) ou Afasia Semântico-Pragmática**: um estudo de caso. 1994. 125 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

GINZBURG, Carlo. **Sinais**: raízes de um paradigma indiciário. In: _____, **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p. 143-180.

GREGOLIN GUINDASTE, Reny Maria. **O Agramatismo**: um estudo

de caso em português. 1996. 322 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo R. J.; ORLANDI, Eni P. (Org.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias linguísticas. Campinas: Pontes, 2002.

ILIOVITZ, Erica Reviglio. **Pausa e domínios prosódicos na disartria**. 2005. 248 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ISHARA, Cinthia. **Análise do funcionamento da linguagem em um caso de jargonafasia**: aspectos fonológicos e morfológicos. 2004. [s.p.] Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

KEIRALLA, Dayse Maria Borges. **Sujeitos com dificuldades de aprendizagem X sistema escolar com dificuldades de ensino**. 1994. 415 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. A língua portuguesa no processo de institucionalização da linguística. In: GUIMARÃES, Eduardo R. J.; ORLANDI, Eni P. (Org.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias linguísticas. Campinas: Pontes, 2002. 13-22p.

LEAL, Maria Alejandra Iturrieta. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem na aquisição da escrita**: reflexões sobre seu diagnóstico na sala de aula. 1991. 115p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Edusp, 1981.

_____, **Pensamento e linguagem**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein; Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____, The functional organization of the brain. **Scientific American**. v. 222, n. 3, p. 66-78, 1970.

MARMORA, Cláudia Helena Cerqueira. **Linguagem, afasia e (a)praxia**:

uma perspectiva neurolinguística. 2000. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____, **Uma hipótese funcional para (a)praxia no curso da doença de Alzheimer.** 2005. 163 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MORATO, Edwiges Maria. **Das funções e do funcionamento da linguagem:** um estudo das reflexões de L. S. Vygotsky sobre a “função reguladora da linguagem” e algumas implicações linguístico-cognitivas para a Neurolinguística. 1991. 165 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

_____, **Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico:** o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido. 1995. 154 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

NOGUCHI, Mílca Satake. **A linguagem na Doença de Alzheimer:** considerações sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo. 1997. 102p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas.** 1999. 271p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____, **Agramatismo:** uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem. 1992. 160 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

ORLANDI, Eni P. (Org.). **Historia das idéias linguísticas:** construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes/UNEMAT, 2001.

PADILHA, Anna Maria Lunardi Bianca. **O ser simbólico:** para além dos limites da deficiência mental. 2000. 233 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas da Campinas, 2000.

PEREIRA, Carla Queiroz. **Linguagem e Aspectos Víscuo-Espaciais: Uma Abordagem Neurolinguística.** 2006. 146 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____, **Um estudo do fenômeno da relevância no discurso patológico.** 1998.p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas da Campinas, 1998.

PEREIRA, Sílvia Elaine. **Um estudo do fenômeno da relevância no discurso patológico.** 1998. s.p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas da Campinas, 1998.

RAPP, Carola. **A palavra paralela?** Uma revisão do conceito de parafasia. 2003. 213 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANTOS, Luciana Claudia Leite Flosi. **A relação dinâmica da linguagem oral com escrita e gestos na afasia.** 2003. 114 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCISCI, Lúcia Aparecida de Campos. **Estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos.** 2004. 119 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Michelli Alessandra; DEFFANTI, Breno Luis. Banco de dados em Neurolinguística: transcrição verbal e registro não-verbal. **Estudos Linguísticos XXXIII**, Taubaté,p. 507-512, 2004.

VALLIM, Elaine Ferraz do Amaral. **Dificuldade de aprendizagem em questão:** um estudo neurolinguístico. 2006. 135 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VARGAS, Suzana Lima. **Diagnóstico de inteligência limítrofe:** o papel da escrita na desmistificação dos rótulos. 2003. 209 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla

Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____, **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em 11/05/2008.

Aprovado em 22/05/2008.

SOBRE A AUTORA

Mara Lúcia Fabricio de Andrade é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística, atuando principalmente na relação entre linguagem, cérebro e mente voltada para o estudo da atenção e memória. E-mail : mlfandrade@hotmail.com